

**" MEDO DA MORTE; ESPERANCA DE VIDA; COMO NASCEM  
AS LIGAS NO IMAGINARIO CAMPONES "**

**MARIA DO SOCORRO RANGEL**

MONOGRAFIA APRESENTADA AO CURSO  
DE **BACHARELADO EM HISTORIA** DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CAMPUS II PARA JULGAMENTO DA BAN  
CA EXAMINADORA COMPOSTA PELOS  
PROFESSORES: **DURVAL MUNIZ A. JU  
NIOR** (ORIENTADOR), **JOSEFA GOMES  
DA SILVA E MARCIO CANIELLO**, EM  
CUMPRIMENTO AS EXIGENCIAS PARA  
OBTENCAO DO GRAU DE BACHAREL EM  
HISTORIA.

CAMPINA GRANDE - PB

1989



Biblioteca Setorial do CDSA. Janeiro de 2024.

Sumé - PB

## DEDICATORIA

- Aos camponeses que morreram lutando na esperança de alcançar a liberdade. E em especial, para aqueles que vivem sob o medo, mas não perderam a esperança.
- À minha família com carinho. Em especial a minha mãe e a Marcílio por não desistirem jamais.

## AGRADECIMENTOS

- A Durval que repartiu comigo as esperanças e medos gerados na construção deste trabalho, na certeza de que sem a sua amizade, eu não teria conseguido.
- A meus alunos com quem repartí "a alegria de redescobrir a história."
- Aos professores do curso de história pelo aprendizado e afeto de todos estes anos.
- Aos colegas de curso pela carinhosa partilha da vivência universitária. Em especial a Fábio, Roberval, Nanci, Clóvis, Ana, Sandra, Isete, Eugênio.
- A Adonhiran que com irreverência me provocou a curiosidade de estudar história.
- A todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho: a Átila Almeida pela atenção e disponibilidade a Sedy pela confiança e carinho; a Cleuma e Jonatas e

Igor pelo afeto da cama quente e da comida gostosa; a Ro  
berto e Penha por nos abrirem os caminhos...; a Elizabe  
te e Nino pela coragem e disponibilidade; a Patrícia e  
Denise pela correção ortográfica e pelo companheirismo  
revelado nas lágrimas que repartimos ao escutarmos os  
camponeses; a Biuzinho pelo esforço para nos facilitar  
contatos; a Marcos pela paciência de bater e rebater o  
trabalho.

## I N D I C E

	PAG.
- INTRODUCAO.....	07
CAPITULO I - AS LICOES DO MEDO.....	13
CAPITULO II - TERRA: A ESPERANCA REPARTIDA.....	27
2.1. E OS RICO TOMOU AS TERRA DE DEUS: OS RICO TOMOU TUDINHO.....	29
2.2. TERRA, A PARCEIRIA QUE SE CHAMA LIBERDADE.....	38
CAPITULO III - ENFRENTANDO A CARA DO LATIFUNDIO.....	51
3.1. ASSIM NASCEM AS LIGAS DA UNIAO.....	58
- CONCLUSAO.....	73
- BIBLIOGRAFIA.....	77

### **A VERDADE**

A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.  
Assim não era possível atingir toda a verdade  
Porque a meia pessoa que entrava  
Só trazia o perfil de meia verdade  
E sua segunda metade  
Voltava igualmente com meio perfil  
E os meios perfis não coincidiam.  
Arrebentaram a porta. Derrubando a porta  
Chegaram a um lugar luminoso  
Onde a verdade resplandecia seus fogos.  
Era dividida em metades  
Diferentes uma da outra  
chegou-se a discutir a metade mais bela  
Nenhuma das duas era totalmente bela.  
E carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade  
in "Corpo" pág. 41.

## I N T R O D U C A O )

Compreendemos ser o objetivo da produção histórica antes de tudo, reconstituir, explicar e compreender as experiências dos homens em sociedade. Experiências vividas e pensadas no processo histórico e que se evidenciam nos fatos como síntese das várias verdades que conseguiram num cotidiano de lutas se efetivar.

Por isso, concordamos com Thompson quando ele diz que quando um historiador se propõe realizar uma produção histórica deve entender que a complexidade da história e de nós mesmos que somos simultaneamente seres racionais e valorativos não permitirá que ele consiga "agarrar" a totalidade (entendida como verdade absoluta) e colocá-la num papel e que o fato da história não poder tratar de absolutos, não poder apresentar causas suficientes, não significa que ela seja uma narrativa fenomenológica consecutiva como acusam alguns filósofos. Para ele, a história não se "encaixa" em modelos, leis e estruturas, pois está sempre em movimento e evidência num único momento de manifestações contraditórias. Por isso a produção histórica



se caracteriza por ser um conhecimento 1) Provisório e in completo, pois cada historiador dependendo de suas posições teóricas (o que implica também em posições políticas e sociais), pode fazer sempre novas perguntas a(s) evidência(s) histórica(s) e neste sentido a análise pode se modificar a cada geração, ou assumir diferentes formas, num mesmo momento histórico; 2) é seletivo e limitado pelas próprias hipóteses levantadas à evidência e que como vimos acima são precedidas pelos valores e conceitos do historiador. Mas isso não invalida a produção pois a evidência tem determinadas propriedades, e embora possam lhes ser formuladas quaisquer perguntas, apenas algumas delas são adequadas. E embora os historiadores possam selecionar estas evidências e escrever a história de aspectos ou versões do todo, o objeto real continua unitário, total (não muda de acordo com a vontade do historiador). Essa dinâmica própria do processo histórico, exige uma racionalidade também dinâmica. Uma "lógica própria da história" que não deve se propor a produzir conhecimentos absolutos, definitivos, mas sempre conhecimentos novos.

A decisão de estudar movimentos sociais no Brasil (mais especificamente as Ligas Camponesas) nasceu de duas paixões: a primeira me estimula a compreender as experiências dos homens que cotidianamente enfrentam e sofrem desafios, temerosos e esperançosos diante da perspectiva permanente do novo; a segunda me desafia cotidianamente, enquanto sujeito da história, a potencializar com a força das experiências adquiridas, nossa participação neste processo.

Se estivessemos em outra épocas certamente que essa nossa exposição de motivos acima colocada, seria vista com descaso pela academia e certamente minha "promisora carreira" de historiadora, apenas por começar, estaria fadada ao paredão do cientificismo.

Gostaríamos que ficasse clara nossa posição contrária ao cientista social que estabelece com o seu objetivo uma relação de suposta independência, de imparcialidade e numa "autêntica postura científica" tenta detectar a VERDADE a partir de uma realidade "concreta" e inerte, como se estivesse num "profundo exercício materialista" perguntando a um objeto real: mesa você existe? (1)

Neste sentido, concordamos com Gerard Lebrun quando ele afirma que "a paixão é um dado <sup>sublimar</sup> sublimar e da existência humana. Devemos contar com as paixões. Devemos aprender a tirar proveito delas". (2) Vejamos então o que podemos fazer.

Reconhecendo os "limites" da produção histórica procuraremos resgatar aqui, um aspecto que em nossas leituras sobre os movimentos sociais rurais, em especial sobre as Ligas Camponesas, nos apareceu como pouco trabalhado (ou até menosprezados) pelos cientistas sociais: o ideológico analisado através do imaginário camponês. Pois na verdade, os projetos e expectativas destes foram apagadas pela opção de sempre analisar o processo a partir das vanguardas, dos partidos e dos líderes. E isso não aconteceu à toa. Se explica na verdade pelas perspectivas teóri

cas e políticas dos autores, que na maioria das vezes tinham uma noção que um movimento social só é expressivo se

- 1) tiver "consciência" política (sinônimo de revolução) ;
- 2) tiver organização (nos moldes do partido).

Não poderiam os camponeses vivendo um cotidiano de exploração e expropriação elaborar seus próprios projetos políticos? A consciência teria que ser sempre, necessariamente, uma consciência revolucionária apontando para o socialismo? Não seriam as Ligas um projeto elaborado no cotidiano de luta que estes camponeses aprenderam a viver e a pensar?

Na tentativa de responder estas questões, a partir do imaginário camponês, resolvemos que usariamos de suas próprias falas, suas experiências de vida através de entrevistas e dos cordéis. No entanto, urge deixar claro que, os cordéis usados nesse trabalho foram resultado de um trabalho muito bonito feito pela socióloga Sedy Marquês que nos concedeu gentilmente o material, desde que preservassemos o anonimato dos entrevistados. Daí não temos colocado qualquer referência de autoria a estas falas.

O primeiro capítulo sobre as lições do (medo), nos mostra na verdade, como foram grandes as dificuldades para escutar os camponeses e do seu comportamento silencioso pudemos extrair a lição de como se fala sem falar. Com seus (silêncios/falas) os camponeses nos mostraram como as Ligas foram uma experiência fundamental, que até hoje está marcada em sua vivência social e em sua prática política.

Mas não existe medo sem esperança. Nem esperança sem medo, pois isso, no capítulo II: Terra, a esperança repartida, analisamos como o medo de perder a terra, um medo efetivado nas relações pessoais, os impulsiona a lutar nas Ligas pela terra na esperança de alcançar a liberdade,

No terceiro capítulo, colocaremos como a união "maior força que existe no mundo" é a arma do camponês para defender nas Ligas o direito à liberdade, e sonhar com a festa do dia que chegará.

**CAPITULO I**

**- AS LICOES DO MEDO**

"Do que se tem medo? Da morte, sempre foi a resposta. E todos os males que possam simbolizá-la, antecipá-la, recordá-la aos mortais. Da morte violenta, completaria Hobbes. De todos os entes reais ou imaginários que sabemos ou cremos dotados de poder, de vida e de extermínio: da natureza desacorrentada, da cólera de Deus, da manha do diabo, da crueldade do tirano, da multidão enfurecida, dos cataclismas, da peste, da fome, do fogo, da guerra e do fim do mundo.

Do que temos medo? da repressão, murmuram os pequenos; da subversão trovejam os grandes."(1)

## I. AS LIÇÕES DO MEDO.

A história que queremos resgatar, neste trabalho, começa em meados da década de 50 numa região da Paraíba localizada entre as zonas do litoral, da mata e do agreste. Mais precisamente num município chamado Sapé. 25 anos depois, chegamos na região cheios de esperança e nossa primeira impressão foi a de que existia ali um estigma pairando no ar: a proibição de falar sobre as ligas.

O Medo estava marcado na cara das pessoas, nos seus gestos, falas e silêncios, nas suas consciências. Uma marca feita com violência, sangue e ameaças, mas também com orgulho: "pena que elas não deram certo!" Desse cicatriz latente vem a nossa primeira e fundamental lição: as Ligas Camponesas são uma experiência de dor e de conquista, onde se misturam o medo e a esperança.

Nosso primeiro contato com os camponeses da região foi feito através de um educador do CENTRU<sup>(2)</sup> que conhecia há muito tempo o líder Biu. Nós nos encontramos numa reunião em João Pessoa e Biu foi na verdade a primei

ra indicação de que a realização da pesquisa não seria fá-  
cil. Começamos a conversar e ele, de início, nos questio-  
nou o porquê de não fazermos um trabalho sobre os tempos  
atuais: "tem muita coisa pra estudar. O pessoal de lá não  
gosta muito de falar sobre 'elas' não" (em nenhum momento  
da entrevista Biu pronunciou o nome Ligas Camponesas). Com-  
binamos então que iríamos devagar e lhe explicamos que nos-  
so verdadeiro interesse era escutar as histórias de vida  
das pessoas do grupo que ele representava.

Por sugestão de Biu, marcamos encontro na  
casa paroquial, o que nos pareceu bastante significativo  
já que iríamos passar pelo crivo de uma pessoa na qual ela  
confiava inteiramente: o padre. Depois disso, a responsa-  
bilidade de levar "uma estranha" ao grupo seria dividida.

Chegamos ao local do encontro e confirmamos  
nossas apreensões... tínhamos resolvido que deveríamos fa-  
lar a verdade em relação à nossos projetos e nossas expec-  
tativas. Com base nisto, a conversa com o padre iniciou-  
-se de maneira objetiva. Tudo ia bem até o momento em que  
falamos nas Ligas, daí por diante suas expressões e atitu-  
des mudaram. Foi como se nos fechassem uma porta. Resta-  
va-nos acreditar que ainda tínhamos uma janela, resolvemos  
então agir com muito mais prudência.

Finalmente fomos apresentados ao grupo e vi-  
vemos mutuamente uma situação extremamente tensa e angus-  
tante: de um lado estavam eles com a desconfiança estampa-  
da no rosto; do nosso lado o temor de não conseguirmos con-



vencê-los do significado daquele contato e por conseguinte termos fechada, também, a janela. Expusemos o nosso projeto e passamos a participar de suas reuniões durante mais ou menos um mês e meio. Aos poucos a resistência foi se desfazendo frente nossa disposição em escutar seus problemas atuais. A tônica de nossas conversas foi, daí para frente, sempre esta e todas as vezes que tentamos falar sobre as Ligas a reação era de indiferença ou então de responder a questão de uma forma bastante dispersiva.

" — Não sei não moça. 'Delas' eu só ouvi falar... só ouvi histórias mesmo sem pé nem cabeça.

— Conte-me mesmo assim, eu gostaria muito de escutá-las.

— Não, não vale a pena."

Resolvemos então que tentaríamos outras vias para escutar os camponeses. Fomos ao encontro de Elizabete Teixeira<sup>(3)</sup> que depois de uma longa e agradável conversa se dispôs a nos acompanhar ao local da pesquisa<sup>(4)</sup>, visitando antigos companheiros de luta que ainda moravam na região.

Em todos os lugares que fomos, Elizabete foi recebida calorosamente. Em todos eles a admiração pela companheira se expressou nitidamente, mas o muro permaneceu. Eles não aceitavam falar sobre as Ligas na presença

da "moça de fora". Alguns chegaram a pedir dinheiro:

"N<sup>o</sup>de fugir se coisa apertar, porque eu falo pra senhora as histórias que sei e adispôs que garantia vou ter? Os mesmos homens que mataram João Pedro ainda tão andando todo dia por aqui."

Ou ainda:

"Num vou falar nada moça. Não vou contrariar o velho (pai de Elizabete) para satisfazer a senhora. Não é que eu tenha nada contra vosmicê. É que se eu precisar de dinheiro para comprar remédio, de um carro para levar alguém da família num hospital, se precisar de trator ou mesmo de umas sementes, ele me dá. A senhora grava minha fala aí e depois vai embora..."

Diante dessa fala ficamos todos calados, até que um dos filhos de Elizabete Teixeira que nos acompanhava nas visitas explicou-nos um pouco tímido:

"— O velho é um pequeno proprietário mas pensa que é grande. Se acha igual aos grandes, por isso tinha ódio a João Pedro. Hoje, ele controla tudo isso aqui, quase todo mundo que mora nessas bandas já trabalhou

com ele, e ele não gosta que falem nas Ligas, não gosta mesmo. Como ele é remediado ajuda muita gente e esse pessoal devota respeito a ele. Pra você vê ele paga Cz\$ 400,00 a semana e nunca falta trabalhador na terra dele."

O clima ficou um pouco tenso diante de tantas "portas fechadas". Resolvemos nos afastar um pouco, para deixá-los conversar à vontade, aproveitando a necessidade de ir à cidade. No caminho, fomos pensando na nossa segunda lição: o medo é uma estratégia de sobrevivência.

O medo expressa sob o silêncio, a consciência da derrota. Na relação tensa e vigilante entre vencedores e vencidos, estabelece-se um pacto: a proibição de falar sobre as Ligas. Neste sentido a presença do medo na memorização do passado representa o poder do vencedor.

No entanto, não concebemos o poder como algo que está acima da vivência cotidiana, como uma coisa. O poder é uma relação. Sob o medo esconde-se, enquanto estratégia de sobrevivência, o poder dos vencidos, pois o medo que não existe <sup>nenh</sup> sua esperança é também uma reelaboração do vencido da sua luta cotidiana e permanente contra o vencedor.

Porque calar significa resistir à morrer enquanto Camponês. Calar significa permanecer na terra.

Quando voltamos de nossa pequena viagem, convencidos, após compreendermos o significado do silêncio, de que ninguém naquela região ousaria quebrar o pacto, encontramos, junto com Elizabete Teixeira, o seu João antigo companheiro que se dispôs a falar porque ficou horrorizado com a recusa de seus vizinhos a um pedido de Elizabete. Tremendo muito ele disse:

"— Eu me chamo João sem Medo. Não tenho medo de dar entrevista. Se eu achasse quem me matasse era um descanso porque botaram um laço no pescoço da gente e vão apertando até vê a gente sem nada. A princesa Izabel libertou a gente mas o grileiro tomou as terras e disse: 'eles vão ser cativos'. E a gente é cativo. Eu falo como João Pedro, que era nosso líder, nosso representante: 'É melhor morrer com uma bala na cabeça do que morrer de fome'. Se ele tivesse vivo, talvez a gente hoje tivesse terra. A Reforma Agrária de hoje é instrumento de político para ganhar voto. Por isso eu não acredito nem tenho medo de morrer. De que vale viver se não posso nem deixar para os meus filhos um pedaço de terra?".

O clima estava tão tenso que resolvemos deixá-los conversar à vontade e combinamos que voltariamos no dia seguinte, quando houvesse menas gente, para terminar

mos a entrevista. Seu João nos convidou para o almoço em sua casa o que era uma prova enorme de boa vontade. Ficamos muitos felizes.

Na manhã seguinte, chegamos o mais cedo que pudemos <sup>ansiosos</sup> para recomeçar nossa conversa, entretanto, quando o chamamos seus filhos abriram só uma fresta da porta e nos anunciaram que ele não estava em casa, tinha ido visitar um amigo no sítio vizinho e disseram mais:

"Ele não vai voltar nem tão cedo, só chega talvez à noite, nem sei se vem prá casa hoje."

Foi aí que entendemos que o tremor de "João sem Medo" e sua insistência em falar das ameaças, expressavam o medo da morte, destino certo para quem "fala demais". Ao falar, seu João denuncia o pacto com o discurso vencedor e espera ao menos por um momento, um retorno ao passado. A esperança o levou a falar e o medo mais tarde a fugir, pois a quebra com o pacto, com o discurso vencedor o colocou numa situação de insegurança frente ao grupo social. Ao falar, seu João abandonou a estratégia que estava sendo seguida e ficou desprotegido.

Soubemos que depois de nossa saída, no dia anterior, seu João recebeu a visita de muitos amigos que junto com os filhos o convenceram a "quebrar sua palavra," e não dar mais a entrevista.

A experiência de seu João reforçou no grupo a convicção pelo silêncio. Diante de tantas portas fechadas, aprendemos nossa terceira lição: o medo fala. Com palavras, com gestos, com silêncio. Foucault "suspeitou" que a linguagem não diz exatamente o que diz e o que se diz protege e encena um significado mais importante, o significado que está por baixo. E mais:

"(...) Em certo sentido a linguagem rebaixa a forma propriamente verbal, mas há muitas coisas que falam e que não são linguagem. Depois disso poder-se-ia dizer que a natureza, o mar, o sussurro do vento nas árvores, os animais, os rostos, os caminhos que se cruzam, tudo isso fala; pode ser que haja linguagens que se articulam e formas não verbais." (5)

Quarta (e última) lição: Na região em estudo, o medo se corporificou num cotidiano de repressão e reação dos dominantes e dos dominados. Existe portanto, de parte à parte. É um componente das relações sociais ali engendradas. O medo é uma construção social.

A socióloga M.<sup>a</sup> Sedy Marques que fez um estudo na mesma região sobre as ideologias orgânicas dos pequenos produtores rurais, ao caracterizar os sujeitos de sua pesquisa, nos diz:

"O medo e a desconfiança parecem constituir o carimbo mais vivo desenhado em suas relações, particularmente diante de estranhos, certamente produzido ao longo de suas histórias nas quais se inscrevem as Ligas Camponesas." (6)

Marilena Chauí, estudando sobre o medo, nos diz que "a origem e o significado dele fazem com o medo seja não paixão isolada, mas articulada a outras, formando um verdadeiro sistema do medo. Determinando a maneira de sentir, viver e pensar dos que estão a ele submetido. **De forma oculta ou revelada.**" (grifos nossos) (7).

Na experiência das Ligas, o medo representa uma dimensão histórica que oculta e revela o passado num movimento dinâmico, onde fortemente sente-se a luta de classes. Neste sentido, a construção de uma memória vencedora funciona como uma ameaça permanentemente reafirmada para que não se esqueça uma experiência de dor, nascida da violência e da insegurança. Por isso, o medo é significativo para compreendermos as Ligas no imaginário do vencido e do vencedor.

(...) Ao ódio dos poderosos vem juntar-se o ódio dos despojados numa luta sem tréguas, silenciosa às vezes, ruidosa às vezes. Na tentativa incessante de por fim no medo fazendo medo. (8)

Mas como estudar o medo? Célia M.M. Azevedo, em seu livro "Onda negra, medo branco", nos aponta caminhos, e nos lembra que recuperar o medo como dimensão da história não é uma tarefa fácil, pois o medo provoca ações inesperadas e que por isso é impossível encaixá-lo em estruturas prontas e lógicas onde a história só pode acontecer de uma determinada forma. (9)

Aprendemos com Thompson que os homens e mulheres são sujeitos de suas 'experiências'. Não sujeitos autônomos, mas pessoas que experimentam suas situações e relações como necessidades e interesses, e como antagonismos e em seguida "tratam" "essas experiências" em suas consciências e em sua cultura das mais complexas maneiras. (10)

E são estas experiências adquiridas num cotidiano de medo e esperança que queremos resgatar aqui.

Aceitamos portanto, o desafio.

Partindo do imaginário camponês tentaremos resgatar o medo como uma produção social e temporal — portanto histórica — gerada a partir das contradições e da luta de classe, entendida aqui como o cotidiano da sociedade civil, que promove na sua dinâmica um embate econômico, político, social e ideológico que é compreendido e pensado através de um sistema de idéias que exprimem e/ou escondem o significado real das relações entre os homens. (11)



Recuperar a experiência das Ligas significa compreender a partir das histórias de vida dos camponeses a elaboração das imagens que se incorporaram na sua cultura, e que são expressas da mais variadas formas em suas vivências cotidianas. Neste sentido concordamos com Jacques Le Goff quando ele diz que: "No seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da história: a memória. (...) A história do cotidiano revela-nos o sentimento de duração, nas coletividades e nos indivíduos, o sentimento daquilo que muda, bem como o daquilo que permanece, a própria percepção da história, pois."<sup>(12)</sup>

Recuperar a experiência é portanto, acreditar nos homens como sujeitos que sentem e pensam a história de uma determinada maneira. E o medo colocado neste presente delimita um espaço de tensões e conflitos que se manifestam em múltiplas e variadas dimensões e nos abre os caminhos para apreensão de uma realidade anterior redimensionando as histórias do passado.

Este trabalho nasceu da angústia de ver essas experiências colocadas num segundo plano, ou mesmo serem esquecidas, desprezadas, eliminadas (inclusive por aqueles que se propunham a escrever a história dos vencidos).

A história dos vencidos está escrita a ferro e a fogo na memória social dos homens e mulheres que com silêncios e falas, nos contaram do seu medo da morte e da sua esperança de vida. Deixemos pois que eles falem.

## NOTAS

01. CHAUI, Marilena - "Sobre o Medo" in Os Sentidos da Paixão, pág. 36.
02. O CENTRU (Centro de Educação e Cultura dos Trabalhadores Rurais) é uma entidade que funciona a nível do Nordeste e foi criado para ajudar na organização e capacitação dos trabalhadores rurais.
03. Elizabete Teixeira, esposa do líder João Pedro Teixeira, assumiu com seu assassinato em 1962, o lugar do marido no movimento.
04. Segundo Bernadete Sued em seu trabalho — A Vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro e Ligas Camponesas 1955-1964, a região de Sapê, do ponto de vista geoeconômico, está situada numa área de transição, possuindo características das zonas do litoral, mata e agreste, o que dificulta uma precisa identificação.
05. FOUCAULT, Michel, NIETZSCHE, FREUD e MARX - Theatrum Philosophicum pág. 14.
06. MARQUES, Maria Sedy - Pequenos Produtores Rurais: Ideologias Orgânicas, pág. 39.
07. CHAUI, Marilena, op. cit. pág. 56.
08. CHAUI, Marilena, op. cit. pág. 59.
09. AZEVEDO, Célia Maria Marinho - "Onda Negra, Medo branco", págs. 19 e 20.

10. Ver sobre o conceito de "experiência" E. P. Thompson - A Miséria da teoria ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser, especialmente o capítulo XV - "O Termo presente: a experiência", pág. 180 e segs.
11. Esta visão de luta de classes como o cotidiano da sociedade civil encontra-se em Marilena Chauí, "O que é Ideologia".
12. LE GOFF, Jacques. In: História e Nova História.

**CAPITULO II**

**- TERRA: A ESPERANCA REPAR  
TIDA**

"(...) Segue-se destas definições que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. Aquele que está suspenso na esperança e duvida que advenha algo esperado, começa a imaginar algo que exclua a existência do esperado e, por conseguinte, passa da alegria instável à tristeza. Quem está suspenso na esperança tem medo de vê-la frustrada. Aquele ao contrário, que é vítima do medo, isso é, duvida que advenha algo odiado, imagina alguma coisa que exclua a existência do temido e por conseguinte, alegra-se na esperança de que não ocorrerá." (1)

## II. TERRA: A ESPERANCA REPARTIDA

"Porque quando meus ôio abriro  
Prá luz do mundo oiã  
Já foi em cima das terras  
do patrão prá eu enxergar"

(...)

"Foi então quando se deu  
Que o patrão me impatou  
D'eu viver naquela terra  
Com as força que eu tô  
Com os ano de vida escançado  
Puxano já pela idade  
Vou pelejano na vida  
Procurano a liberdade".

Em todos os estudos feitos sobre Ligas Camponesas, parte-se de duas evidências: as Ligas surgiram como resposta dos camponeses ao avanço do capitalismo na década de 50, que ameaçava expulsá-los da terra; e que elas foram a maior mobilização camponesa (que não possuía um caráter messiânico, nem de banditismo) ocorrida no Nordeste do Brasil.

Diante destas duas assertivas dar-se às Ligas um caráter revolucionário ou reacionário, avançado ou retrógrado, enfim, um sem número de conceituações mas em geral reconstitui-se seus objetivos a partir da ação dos partidos e dos líderes. (2)

Mas e os camponeses? Onde estão os camponeses que enfrentaram com enxadas, foices e pedras a polícia e os capangas? Onde estão os camponeses que foram ameaçados, espancados, expulsos da terra, assassinados? Onde estão os camponeses que num cotidiano de repressão reconstruíram as casas dos companheiros, exigiram o pagamento de indenizações, fizeram passeatas de protesto? Onde estão os camponeses que hoje tremem de medo ao falarem das Ligas, que batem a porta, que se escondem?

Thompson nos ensina que frente as experiências velhos sistemas conceituais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença, pois "a experiência entra sem bater a porta e anuncia a **MORTE** e a **VIDA**". (3)

As lições sobre o medo nos mostraram que as Ligas foram para os camponeses uma experiência de dor e de conquista onde se misturam o medo e a esperança. Medo de que? De morte; esperança de quê? De vida.

Na perspectiva de romper com velhos sistemas conceituais e conscientes dos limites impostos pela lógica histórica, tentaremos resgatar as Ligas no imaginário cam

ponês, aqui entendido de acordo com Cornelius Castoriades, não como a "imagem refletida de", ou seja como "reflexo", mas sim como

"Criação incessante e essencialmente indetermiminada (social-histórica e psíquica) de figuras, formas e imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de alguma coisa." (4)

Pois para ele todo pensamento da história e da sociedade pertence em si mesmo à história e a sociedade. Todo e qualquer pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja o seu objeto, é apenas uma forma do fazer-se social-histórico. E esse fazer-se/representar/di-zer, acontece historicamente, a partir de um momento, como fazer pensante ou pensamento se fazendo.

Vejamos então, como os camponeses viveram o período que antecede as Ligas, em que o capitalismo em expanção ameaçava-os expulsá-los da terra. E como foram construídas as representações que os levaram a lutar com tanta determinação a ponto do movimento ser considerado como "a maior mobilização camponesa do Nordeste do Brasil!"

## 2.1. "E OS RICO TOMOU AS TERRA DE DEUS. OS RICO TOMOU TUDINHO"

Segundo Otávio Ianni,



"São as relações sociais dos homens que transformam a terra em terra de pasto e plantio; a mata em reserva de índios, droga do Sertão, látex, castanhas, lenha, madeira, peles; o rio em reserva de peixes e caminho; a sombra em repouso; os espaços em lugares: sem fim, Sertão, floresta, cerrado, seringa, centro, sítio, latifúndio, posse, fazenda, arraial. Assim, há a idade da droga do Sertão, da borracha, do plantar prá comer, do plantar prá vender, da grilagem, da luta pela terra, da expansão agropecuária, da violência do capital. São as relações sociais de produção que conferem a terra as muitas formas sociais que ela ganha. A fertilidade não é uma qualidade tão natural como se poderia imaginar; está intimamente ligada as relações sociais de produção vigentes em cada ocasião. (...) a idade da terra é a mesma idade dos homens, das distintas formas sociais de organizar a produção." (5)

O período que antecede a década de 50 é caracterizado no campo a nível das relações sociais de produção, pela criação e manutenção de várias e diferentes formas de reprodução do sistema capitalista. Relações não propriamente assalariadas como a parceria, o arrendamento, a moradia. Essa vivência produtiva se justificava por proporcionar a mediação dos conflitos sociais — na medida

em que o homem permanecia na terra — e a garantia através do aumento da produtividade, dos baixos custos da produção, da socialização desses custos e perdas, da diminuição dos custos de reprodução de trabalho, a permanência e o aumento do poder e da riqueza dos grandes latifundiários.

No Nordeste, mais de 70% das terras estavam concentrados nas mãos dos grandes grupos agroexportadores (café, açúcar, algodão, cacau) e dos grandes fazendeiros agrícolas e pecuários (que produziam para o consumo interno).

De forma que, a manutenção destas relações de produção não propriamente capitalistas gerava uma teia muito complexa de contradições econômicas e ideológicas institucionalizadas no poder de um Estado "distante" e encarnadas na figura ambígua (porque paternalista e exploradora) do coronel.

A Paraíba neste período era um retrato fiel desta situação: a concentração de terras nas mãos de poucas famílias tradicionais, um nível técnico muito baixo e quase a totalidade das relações de produção não assalariadas:

"Setenta por cento dos camponeses eram moradores, quinze por cento rendeiros e foreiros, dez por cento trabalhadores urbanos , sendo que cinco possuíam roçados arrendados e cinco por cento sem roçado e outras categorias totalizavam cinco por cento." (6)

Produzindo basicamente: nas grandes propriedades: cana, gado e abacaxi para o mercado; nas médias: cana, gado e abacaxi mais mandioca, inhame, cará, batata doce para mercado e consumo; e nas pequenas: mandioca, milho, feijão, fava para mercado e consumo e gado para o consumo de leite. (7)

Esse caráter misto da produção de subsistência com a produção mercantil, principalmente nas médias e pequenas propriedades, é característica desta forma de organização social da produção que visa atender aos interesses dos donos da terra e garantir a sobrevivência dos camponeses, enquanto força de trabalho, a custos muito baixos.

Mas como se davam cotidianamente estas relações?

No arrendamento o camponês paga em dinheiro uma renda pela terra que ocupa: o foro. Além deste aluguel "concede" ao dono das terras alguns dias de trabalho gratuito: o cambão. Como o foro é geralmente muito alto e as condições de produção precárias, é comum encontrar arrendatários que alugam sua força de trabalho (nos períodos que a grande lavoura demanda mais trabalho como no caso do corte da cana) como forma de complementar sua sobrevivência.

As vantagens do arrendamento para o dono da terra são muitas: a renda fundiária, o trabalho gratuito e ainda a preferência na compra da produção a preços muito baixos.

Na parceria o trabalhador aluga um pedaço de terra, dando como pagamento uma parcela de sua produção: a meia, a terça ou a quarta-parte da produção. O proprietário fornece, além da terra, os meios de produção e assim, diminui seus gastos na medida em que socializa os custos e perdas e não paga pelo trabalho.

Na moradia combina-se o salário e uso da terra para a produção dos meios de vida. Existem dois tipos de moradores: o morador e o morador-foreiro (que nos interessa mais diretamente já que estes constituíam a maior parcela dos camponeses que viviam na região de Sapé no período que eclodiram as Ligas) que caracterizavam-se por viver nas terras não exploradas pelos seus proprietários e por isso eram de certa forma trabalhadores independentes mas que tinham, por obrigação, plantar para o patrão dois dias gratuitos, a condição. <sup>(8)</sup>

O caráter direto e pessoal dessas relações gerava, como colocamos antes, uma teia muito complexa de contradições que iremos analisar a partir do(s) significado(s) da terra para os camponeses um pouco mais adiante.

É esse pois, o quadro das relações sociais que começa a ser alterado no início da década de 50, quando

sob o signo do "desenvolvimento" o capitalismo se expande. Desenvolver era sinônimo de modernizar. Modernizar significava capitalizar o campo ampliando as áreas de grande produção e reestruturando as relações sociais. No entanto, estas mudanças deveriam ocorrer sem que a estrutura agrária fosse tocada, pois aí residia a base do poder e da riqueza dos coronéis-oligarcas. A saída, então, era conjugar o monopólio da terra com a desapropriação dos produtores e sua conseqüente transformação em assalariados rurais.

De forma que a ampliação das áreas de produção da monocultura provoca uma diminuição das áreas destinadas à produção das lavouras de subsistência e consequentemente a expulsão dos rendeiros e parceiros (entre 1950 e 1960, os números de parceria apresentavam um índice negativo de menos de 30%) e a destituição dos sítios dos moradores. (9)

A pauperização cresce na mesma medida em que cresce a resistência em sair da terra. Vejamos como eles expressam seu entendimento frente este processo:

"Agora os rico tomo o foigo (folêgo) daqueles mais fraco. Tomou a terra toda de Deus. O rico tomou tudinho."

Diante da expulsão da ameaça de perder sua autonomia (mesmo que relativa), diante da ameaça de perda da sua identidade cultural o camponês reage e diz não à modernização, ou seja, ao avanço das relações capitalistas

no campo que os expulsa da terra:

"Meremo que nós ficasse  
 Das terra os mesmo dono  
 E nós das terras livrasse  
 O sustento e nosso sono  
 Não posso dizer que nós fosse  
 Um home liberto não  
 Mas nós ficava contente  
 Meremo sujeito ao patrão  
 O home quer trabaiá  
 E ser liberto também  
 Sem liberdade o pensar  
 Agoniado mantém"

"Trabaiando nos dos outros  
 O dinheiro nunca dá  
 Só o roçado garante  
 A famia sustentar  
 Que nem vinha no começo  
 Cada um situado  
 A nação dos pobre era  
 Morador não alugado."

Nos parece que a permanência dessa autôno  
 mia, ainda que relativa, é condição fundamental, no imagi  
 nário camponês, para manutenção de sua vida. A expulsão  
 da terra, seu desligamento dela é a certeza de um futuro  
 incerto, e sem dúvidas terrível: a proletarização, ou di  
 zendo de outra forma é a certeza da sua morte enquanto ho

mem e enquanto camponês:

"Porque prá nós tá bem claro  
Claro como a luz do dia  
Primeiro de tudo declaro  
Sem terra o que nós fazia?"

"Enquanto no campo o home vive  
Deus lhe dá boa saúde  
Dá corage pro trabaio  
A sua grande virtude.

Pobre tem que ter a terra  
Prá poder ir trabalhar  
Sem ela me diga mermo  
Quem é que pode escapar?"

Não é que o camponês não perceba a subordi-  
nação de seu trabalho, a sujeição, a exploração. É que es-  
ta percepção não está traçada em contornos muitos nítidos,  
eles "aceitam" a sujeição como condição para sua permanên-  
cia na terra. Como já colocamos, estas relações pessoais,  
são muito complexas e muito mediadas pela ambiguidade da  
figura do coronel. Para o camponês não importa ser dono  
ou não da terra, importa sim, ter acesso à ela para ser do-  
no de seu próprio trabalho:

"Pois eu sei que ilusão  
Aquele prazer que nós sente  
Controlando aquela terra  
dos patrão que lhe arrende.

Na usina é diferente  
 lá num tem nem ilusão  
 de trabaiã para dois  
 trabaia só pro patrão."

"O caso é que os home pensa:  
 Terra nossa nunca há de ser  
 E assim com esta crença  
 morador queremos ser."

Esse evidente apego à terra que os impulsi  
o  
 na a resistir à modernização foi e tem sido interpretado,  
 por boa parte dos cientistas sociais e políticos progres-  
 sistas, com sinal de atraso, da falta de consciência polí  
tica do camponês. Gostaríamos de deixar claro que não con  
cordamos com esta visão linear — que no fundo perpassa es  
ta concepção — onde a história só pode acontecer de uma  
 determinada forma sendo pois, resultado de um único proje  
to. Acreditamos que várias e múltiplas são as possibilidade  
s do acontecer histórico. Estudar o imaginário é estar  
 atento a todas estas possibilidades em todas as suas dimen  
ções: culturais, mentais, políticas, econômicas que nos  
 abrem os caminhos para a compreensão dos exercícios do po  
der: dominação e resistência.

Dominar e resistir não são ações que um só  
 grupo pré-estabelecido pode realizar. O vencedor não é  
 sempre, necessariamente, em todos os momentos e em qual  
quer circunstância, vencedor. O mesmo podemos dizer em re  
lação ao vencido. O poder não é uma "coisa" que alguém po



de se apossar e sair por aí usando maniqueísticamente. O poder é uma relação social dinâmica e histórica por isso não trás imbutida qualquer noção de positividade e negatividade.

As ações de resistir e dominar fazem parte das lutas cotidianamente travadas. E por isso, estão repletas das experiências historicamente vividas.

Por isso partiremos do significado da terra no imaginário camponês para explicar esta reação — muito presente nas Ligas Camponesas — explicitada na luta pela permanência na terra e na engajão à modernidade.

## 2.2. <sup>Princípio</sup> TERRA, A PARCERIA QUE SE CHAMA LIBERDADE

A primeira forma como os homens concebem a terra é como mãe e esposa, que fecundada pelo trabalho pari os alimentos e a moradia. Sobre ela correm os rios, se revoltam os mares, vivem os animais. É dela que os homens nascem e crescem como frutos. A terra é o agasalho que encerra a liberdade de viver. Os homens que tem terra, tem tudo. Tudo vem e tudo volta à terra: durante sua vida eles a semeiam com seu suor, sua lágrimas, seu sangue, sua alegria; quando morrem lhes devolvem agradecidos seus corpos para que como adubo voltem a viver. A terra é o princípio que não tem fim. A terra não morre.

"A terra é a morada da vida, tudo se acaba, a terra não. Toda a herança que o pai deixa, no fim da vida, a viúva fica aflita, mas eles sabem que a terra não se acaba, passa para os netos, para os bisnetos.

Toda a riqueza sai da terra. Ninguém deve nunca usar a terrinha pequenina por medo de fazer outras coisas, ele deve fazer outras coisas mas assegurando sua terrinha, porque quando ele se vê desmantelado, então ele vai prá terra, sem a terra ele perde tudo; a terra pode-se assim dizer é o maior tesouro do mundo, ninguém deve sair dela para fazer outras coisas, por que todas as outras coisas é que nem a gente que vive até morrer, a terra não é assim." (10)

A terra entendida como bem comum, como morada da vida, é vista como extensão do próprio corpo. Os homens se confundem com ela, são uma coisa só. Aqui, o trabalho é a essência, a satisfação de suas necessidades, e a terra próspera, sua obra, sua realidade efetiva.

"(...) Na prática a universidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico, tanto na medida em que ela é 1) um meio de vida imediato, quanto na medida em que ela é 2) a matéria, o objeto e instru

mento de sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza na medida em que ela mesma não é o corpo humano. O homem vive da natureza, significa: a natureza é o seu corpo, com o qual tem que permanecer em constante processo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interligado consigo mesmo não tem outro sentido senão que a natureza está interligada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza."<sup>(11)</sup>

Por isso os trabalhadores sem terra (posse ou propriedade) são apresentadas como diz Sedy Marques, como corpo sem espaço:

"Esse homem é um sofredor, não tem terra, não tem nada. Não tem onde cair morto. É um miserave. Só tá mermo é esperando o dia que Deus lhe deu."

Ou ainda:

"O trabalhador sem terra não vale um tostão. Tá morto."

A partir desta lógica, a terra devem ter acesso todos os que querem trabalhar. A terra não pode ser um objeto, uma mercadoria. Para os camponeses, o latifúndio improdutivo ou monocultor é a negação da liberda

de, por que subjulga a terra e ao trabalhador, é por assim dizer, a laqueadura que interrompe o processo natural de reprodução da **Vida**:

"Esse príncipe da compra  
Não concordo não senhor  
Pois com ele dirigindo  
A engrenage desmontou  
Deste jeito é que fugiro  
da história naturã  
Dinheiro não pode engolir  
O valor de trabaiaã  
Terra sempre pertenceu  
Ao home não a moeda  
Rico algum fez inscrição  
Junto a Cristo que não arrenda."

A terra vista como bem comum, dádiva divina assume um valor que só pode ser equivalente a um outro valor também divino porque dignificante: o valor de trabalhar: "Dinheiro não pode engolir o valor de trabalhar."

"Só quem faz é que sabe o que padece e o que frutifica. As mãos podem mais do que a gente, imagina e o lombo aguenta penitência se a gente diz — quero fazer — e faz, porque quer frutificar." (12)

"O bom é trabaiaã, quando se quer, não ter patrão, ser dono de si." (13)

Daí a presença marcante no imaginário camponês da necessidade de autonomia. A partir da lógica da terra livre, a submissão do trabalho não é aceita de forma nenhuma pelo camponês pois "nega a história naturá". Eis como Sedy Marques coloca esta questão: "(...) O direito de ser dono do seu próprio trabalho parece ser entre estes sujeitos, o cerne da lógica que os orienta na diversidade de sua prática. (...) Vemos que ao invés do dinheiro, é o trabalho a medida de sua posse. A terra nua de trabalho pertence à todos, mas coberta de benfeitorias é do seu benfeitor." (14)

"Além de ficar liberto  
 Sem trabaiá alugado  
 Que isso é o principá  
 de tudo que foi sonhado  
 Outra alegria que eu tenho  
 É de tá no meu roçado  
 De peito lavado fico  
 E prá terra digo obrigado."

Não existem ideologias que não tenham racionalidade, que estejam desvinculadas de uma prática social. Por isso entendemos que esta "idealização" da terra como bem comum, expressa a necessidade — nascida num cotidiano de privação — de ter terra para sobreviver, escapar da morte fugir da sujeição, superar a alienação. Pois como nos coloca Marx, a alienação nasce da exteriorização do trabalhador em relação a seus meios de trabalho (no caso, a terra) e dos produtos do seu trabalho (a riqueza produzi

da pela terra), que lhe aparecem como alheios. Separa o homem do seu próprio corpo (a natureza) e o trabalho passa a ser um trabalho exterior, alheio a ele, pertencente a outro, e portanto, passa a ser um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação: (15)

P - E no trabalho da usina (assalariado) já teve alguma alegria?

R. Não nunca tive. Eu ia na maior tristeza. Eu ia e vou.

P.- Mesmo que seja no seu?

R. Ah! No meu vou de peito limpo, de coração lavado. Vou satisfeito como quem vai pro céu... (16)

A perda da autonomia sobre o trabalho, o afastamento da terra é o fim de sua condição de camponês: É o cativoiro:

"A palavra liberdade na usina é imorã".

É a morte:

"Num são nem mais agricultor, vivo ali amarrado."

"O corpo da criatura  
Que na usina trabalha  
Puxa mais pelo esforço  
Como a cana vira palha."

"Cavano valeta ou barro  
 Fazeno estrada de ferro  
 No picarete enxada ou pá  
 sem ter direito a um berro."

"Trabalhador alugado  
 Num arranja nada não  
 Home que sua em usina  
 Sô dá futuro ao patrão."

"Trabaiano na agricultura  
 tem mais calma e condição  
 Poupa mais a criatura  
 E também seu coração."

O salário é por assim dizer, a confirmação de sua expulsão da terra, de sua morte, de sua sujeição completa e da irremediável miséria. Por isso no imaginário camponês ficar na terra, manter sua autonomia (sob quaisquer condições) é a mola propulsora que os impulsiona em sua luta.

Num primeiro momento da expansão capitalista, objetivo da luta destes camponeses era então, manter as relações pessoais de produção que podia os subjugar, mas os mantinham na terra. A sujeição não é para o camponês pagar o foro, o aluguel da terra, esse pagamento até aparece como garantia a continuidade, a estabilidade do processo produtivo, a permanência do homem na terra e a esperança deste direito a seus filhos. Tanto isso é verdade, que os camponeses organizados nas ligas não reivindicam o fim

do foro, mas a sua diminuição monetária. Lutam sim pelo fim do cambão, por ser uma forma de submissão do trabalho. A submissão para o camponês é não ter terra para trabalhar é não ter autonomia.

De forma que a visão idealista da terra fundamentada nos princípios religiosos — extremamente forte entre os camponeses — não proíbe que estes tenham lucidez do processo de expropriação que o ameaça. Ao contrário, é essa idealização que o mostra como o processo produtivo vem escapando no seu controle e o submetendo. Por não entender a terra como propriedade privada, mas como bem comum, o camponês não aceita a expulsão e não aceita a proletarização.

Nossa suposição é que a lógica religiosa que não aceita a exploração do homem pelo homem, aceita e respeita a propriedade privada, é, de fundamental importância para o entendimento desta ambiguidade:

"A maldição do mundo é o problema da terra porque, sabe, a terra não foi ninguém que fez, a terra foi Deus que criou e então deixou para todos nós... Mas tomaram conta da terra, fazem o que querem. Os homens daqui, quando tem uma terrinha, pronto, nem vendem mais ao pobre, e o pobre só não tem nada porque não tem onde trabalhar e a terra quem tem não dá...



Os homens tem muito, um mundo de terra e se obrigam a criar boi e plantar cana, e o pobre sofrendo que sô é prá sofrer, é assim, o sofrimento da gente é parada.

A terra é de muito valor, da terra o homem arruma o pão de cada dia, e todo mundo tem que viver dela." (17)

Por isso quando os camponeses constroem as Ligas estão questionando o direito das pessoas que não trabalham de terem a terra, e neste sentido, ameaçam a propriedade privada capitalista. E ao mesmo tempo estão dizendo não à ameaça de morte que pesa sobre os sem-terra : seu grito é contra o impedimento ao direito do trabalho contido na ostensão de uma terra improdutiva. E por isso lutam pela permanência das antigas relações de produção: a moradia, a parceria, o arrendamento. Neste sentido a necessidade de autonomia no processo de trabalho se contrapõe com a necessidade crescente de expropriação imposta pelo desenvolvimento das relações capitalistas no campo. É esse processo que começa a romper as antigas relações pessoais e os camponeses vão, cada vez mais profundamente, enfrentando a "Cara do latifúndio". É esse medo da morte que os levará a construir um projeto cheio de esperança de vida.

"Nossa suposição é a de que se se combinam o prenúncio da morte ou a certeza da miséria com a esperança de conquista do direito

a um trabalho capaz de torná-los sujeitos da própria salvação, os camponeses eclodem em Ligas ou se inscrevem na audácia das invasões. Ser ou não proprietário de terra não parece importar. Importa sim "escapar" e ser dono do seu próprio trabalho." (18)

Por isso frente ao medo da morte,

"Nada vai amolegar  
A coragem que eu tem  
Sem nada ter a perder  
A esperança convém  
Na vida nós tinha aprendido  
Que medo se pode vencer  
Pois ele nós é quem faz  
do tamanho do querer."

## NOTAS

01. CHAUI, Marilena - "Sobre o Medo" in os Sentidos da Paixão, pág. 59.
02. Ver os trabalhos de Bernadete Aued, A Vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro e Ligas Camponesas; Fernando Azevedo, as Ligas Camponesas, Elide Ruggai Bastos, as Ligas Camponesas e César Benevides, Camponeses em Marcha.
03. Ver thompson, E. P. - A Miséria da Teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser) PÁG. 17.
04. CASTORIADIS, Cornélius - A Instituição Imaginária da Sociedade, pags. 13 e 14.
05. IANNI, Octávio - A Luta pela Terra, pág. 230.
06. Dados fornecidos por Mário A. Carneiro, citado por Bernadete Aued, pág. 39
07. Resolvemos reproduzir a tabaela abaixo, encontrada no estudo de AVED (1986) para que fique claro como o processo de expansão capitalista, vai reduzindo a pequenas e médias produções em detrimento da grande lavou ra para exportação:

PRODUTOS AGRICOLAS	QUANTIDADE (t)		
	1940	1950	1960
Cana de açúcar	19.551	50.158	182.750
Abacaxi (em centos)	-	12.180	17.880
Mandioca	6.263	11.395	13.613
Algodão	1.497	998	736
Batata doce	-	924	2
Feijão	304	421	44
Fava	-	107	-
Milho	251	494	50
Fumo	43	34	30

Fonte AVED, op. cit. pág. 9L

08. Sobre estas relações sociais de produção ver Elide Rugai Bastos, As Ligas Camponesas, pág. 15.
09. Depoimento de um camponês citado por Beatriz Herédia , A morada da vida, pág. 10.
10. MARX, K e ENGELS F. - A Ideologia Alemã, pág. 155.
11. Citado por Elide Rugai Bastos, op. cit. pág. 23.
12. RUGAI, Elide - op. cit. pág. 39.
13. MARQUES, Maria Sedy, op. cit. pág. 102.
14. MARX, K. e ENGELS, F. op. cit. pág. 35.
15. Citado por Maria Sedy Marques, op. cit. pág. 114.
16. Citado por Beatriz Herédia, op. cit. pág. 10 e 11.
17. MARQUES, Maria Sedy, op. cit. pág. 85.

**CAPITULO III**

**- ENFRENTANDO A CARA DO LA-  
TIFUNDIO**

"(...) é impossível manter a plebe indefinidamente sob o medo, embora o poder e o direito dos governantes estenda-se até onde estiverem potência para exercê-los, o direito natural dos governados marca o limite desse exercício: o conatus, a menos que irremediavelmente enfraquecido, reage ao medo da morte. Quando leis produzirem indignação e furor populares, a plebe, temendo a destruição, não temerá os poderosos e, perdendo o medo, fará medo. Quando dela se exigir que ame o que odeia, que respeite o que despreza, tolerar o que abomina, destrua o que estima, nada conterà o seu furor. Nesta perspectiva, alguns julgarão honroso e necessário desafiar as leis, mesmo que o preço seja prisão, suplício, exílio e, quiçá, a morte." (1)

### III. ENFRENTANDO A CARA DO LATIFÚNDIO

(...)

Foi assim que se juntemos  
Os que tinha a mesma dor  
Formemo assim uma turma  
E fomo enfrentar o doutor  
Neste lugar muito rico  
Vendo as terras improdutivas  
Tudo junto arresolvemo  
Fazer dela terra **VIVA**.

No momento em que os camponeses frente à ame<sup>ça</sup> de morte resolvem fazer viver a terra, começam a se quebrar paulatinamente as ligações paternalistas que os mantinham presos ao patrão, pois é neste momento que o pa<sup>tr</sup>ão se apresenta na relação, com toda sua face de terror: tomando a terra, espancando, expulsando, assassinando. É neste momento que a terra desnudada de seu valor de bem comum faz com que o camponês, na consciência da desigualda<sup>de</sup>, reconheça a "cara do latifúndio".

Alteram-se as relações sociais. Uma nova lógica e um novo discurso começam a ser construídos a partir da experiência das relações anteriores e das novas perspectivas que se apresentam: uma lógica e um discurso perpassados pela violência e pela vigília, características de uma relação vivenciada no medo: quando o camponês diz que enfrenta a "cara" do latifúndio, de certa forma despersonaliza o adversário, e isso é uma forma de se proteger e de enfrentar o rompimento da dependência anterior. É uma estratégia do discurso; quando o patrão nomeia-os de comunistas, por exemplo, também está buscando justificar à sociedade e aos próprios camponeses, sua violência. Também está se protegendo. É uma outra estratégia do discurso.

Foi a partir da vivência cotidiana que as Ligas foram se constituindo num aprendizado político, que tinha como base a união dos camponeses e como estratégias de luta a calma, a paciência.

No entanto, para a grande maioria dos trabalhos feitos sobre as Ligas Camponesas, o marco histórico colocado (e aceito) pelos autores para o início do movimento é o momento em que o PCB — acreditando ser necessário o rompimento no campo, das "relações feudais de produção" — entra em cena deslocando para as "regiões de conflito" quadros com objetivo de conscientizar os camponeses da sua exploração e organizá-los para mudar esta situação.

Concordamos com Durval Muniz de Albuquerque Júnior quando ele nos coloca em seu trabalho — respaldado



por DE DECCA — que os marcos históricos e os fatos consi  
derados importantes na história que se oficializa, “ são  
criações, invenções que escondem as pistas de todo o con  
flito, de toda luta que leva à ocorrência de um determina  
do fato histórico <sup>(2)</sup>.

Já colocamos ser pretensão deste trabalho re  
construir as Ligas Camponesas a partir do imaginário exa  
tamente na perspectiva de reconstruí-la como uma experiên  
cia vivida num cotidiano de repressão e reação, de medo e  
de esperança. Reconstituí-la como uma experiência que an  
tecede ao marco histórico proposto pela historiografia exis  
tente sobre o assunto, ou seja, reconstituir como elas nas  
cem no imaginário camponês.

Tentamos, até agora, mostrar que a constru  
ção das Ligas como prática política foi forjada num coti  
diano de relações sociais, onde o poder apresenta-se não  
só como uma totalidade centralizada, mas como uma articula  
ção dos poderes locais, específicos, circunscritos a uma  
pequena área de ação com outros institucionalizados, hierar  
quizados, concentrados.

Pois entendemos que:

"(...) O poder deve ser analisado como algo  
que circula, ou melhor, como algo que só  
funciona em cadeia. Nunca está localizado  
aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns,  
nunca é apropriado como riqueza ou bem. O

poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão." (3)

Foucault não aceita a idéia do poder negativo que simplesmente reprime e esconde. Ele entende que o poder é também positivo, na medida em que produz sempre algo novo, por possuir uma riqueza estratégica. Não existem aqueles que exercem o poder de um lado, e do outro, os que são dele alejados. Nas lições do medo vimos isso de maneira bem concreta, o poder é uma relação que se exerce, que se efetua. E as lutas são sempre resistências na teia mesma do poder.

No entanto, entendemos que, em qualquer relação social, o exercício do poder se dá em níveis diferentes.

E na experiência violenta e de confronto direto que foram as Ligas, o medo representa a consciência dos antagonismos sociais em todas as suas nuances e por isso, ao mesmo tempo que incita à luta, promove a consciência dos desníveis no exercício do poder: do lado dos dominantes o Estado, a Justiça, a polícia; do lado dos dominados a esperança na união.

É importante notar que nesta luta essas formas de medo se alternam e se confundem. E essa ambiguidade

de do medo — ora como consciência do real; ora como mascára para não se enxergar esse real — nos remete a uma discussão sobre esse processo dinâmico, tenso e conflitante que é o da formação da consciência de classe.

Marx coloca que a consciência está indissoluvelmente ligada às condições materiais de produção da existência, das formas de intercâmbio e cooperação, e que as idéias nascem da atividade material. <sup>(4)</sup> Essa proposição na verdade, nos proporciona o entendimento da materialidade da consciência. Partiremos dela. Mas ousamos ir além. Se o pensar dos homens nasce de uma vivência material, como podemos supor que as relações sociais determinam a consciência? A ação humana expressada no trabalho é também a realização de um projeto, por isso não podemos separá-las. Não podemos determinar a antecederência.

"A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres são racionais e refletem sobre o que acontece com eles e ao seu mundo. Se tivermos de empregar a difícil noção de que o ser social determina a consciência social, como iremos supor que isso se dá? Certamente não iremos supor que o ser social está aqui, com uma materialidade grosseira da qual toda idealidade foi abstraída, e que a consciência (como idealidade abstrada) está ali. Pois não podemos conceber nenhuma forma de ser so

cial independente de seus conceitos e expectativas organizadoras, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem pendamento." (5)

Neste trabalho, optamos em analisar o imaginário camponês fazendo a ligação permanente e indispensável entre o ser social e a consciência. Não nos preocupamos com as idéias simplesmente, mas com o significado histórico dessas idéias inseridas no processo do fazer-se classe a partir da experiência. Segundo Thompson, "A consciência social — com todos os seus componentes mentais e emocionais — agita-se, choca-se, lança-se sobre, rompe-se contra, se fortalece e se transforma nesse dinâmico e humano processo social." (6)

Os camponeses tem medo da morte frente às expulsões, a violência, a repressão. Os patrões tem medo dos camponeses frente sua disposição de escapar da morte através da união. Os camponeses tem esperanças que apesar da violência, da expulsão e da repressão, sua união os levará à vitória. Os patrões tem esperança que a violência e a repressão arrasem com a união dos camponeses.

Esse confronto social — físico e ideológico — é que dá origem à experiência. Como diz Thompson o diálogo entre o ser social e a consciência social se por~~ces~~sa em ambas as direções:

"(... evidentemente a consciência, seja como cultura não auto-consciente, ou como ciência- ou lei, ou ideologia articulada, atua de volta sobre o ser, por sua vez, assim como o ser é pensado, também, o pensamento é vivido." (7)

Já colocamos antes que não queremos contra por nesse estudo, Ideologia e consciência, vendo a primeira como mera inversão do real e a segunda como a única forma de se obter as mudanças sociais desejadas. Foi lugar comum no estudo das Ligas esta separação: aos partidos políticos, abarrotados de conhecimento científico, cabia o papel de "dar consciência" aos camponeses, organizá-los, orientá-los.

Entendemos que as ideologias são formas de consciência, produzidas no âmago da luta de classe, e expressam a consciência possível. Como diz bem Sedy Marques em seu trabalho "esta separação entre ideologia e consciência elimina muito daquilo que se produz (e se alimenta na alma do povo) de nossa cultura, de nossa história, de nossas representações, de nosso potencial de lutas." (8)

De maneira que partiremos dessas histórias, dessas representações profunda e humanamente ideológicas, para reconstituir, se não totalmente, ao menos aspectos da luta que se travou entre os camponeses e os latifundiários.

### 3.1. ASSIM NASCEM AS LIGAS DA UNIÃO

"(...) Naquela época tava difícil para o camponês. Todos nós sabemos que na vida desde o início, do descobrimento do Brasil, foi o trabalhador sem terra... E naquela época tinha muita injustiça, por um nada o homem que já tinha sua lavoura quase na época da colheita era jogado na rua, deixando a lavoura toda para o patrão.

(...) aí os trabalhadores se reuniam e discutiam os dados da região.

Eram camponeses de várias fazendas, engenhos, usinas... Eles discutiam que o homem do campo não podia abandonar a terra. Tinha que ficar na terra. **As Ligas Camponesas nascem da união deles para ficar na terra, porque sair da terra era que não podia.** Ele tem que permanecer na terra. Não tem outra solução. E essa era a maior luta das Ligas o homem tinha que ficar na terra não podia sair.

O latifúndio não quer que o homem tenha direito à plantar, a produzir na terra para manter sua família, quer que vá para ponta de rua pedir esmola. Morrer de fome. É uma miséria. Ninguém sabe fazer assim uma análise de onde a miséria chega no coração de um cara desse. Não é fácil." (9)

A união para o camponês só pode se forjar na igualdade, igualdade esta que pressupõe um projeto único e exige identidade: vontades comuns; desejos comuns. (10)

Nas Ligas Camponesas esta identidade foi construída a partir de uma vivência comum nascida da consciência de privação. "A classe não é uma 'estrutura', nem uma 'categoria', mas algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas. Não surge como o sol numa hora determinada. Ela está presente no seu próprio fazer-se." (11)

Já colocamos que a grande arma do camponês era a união. Quando o latifundiário espancava ou expulsava alguém da terra, a tática era reunir todo mundo, o máximo de camponeses possível e irem todos juntos "enfrentar o latifúndio". Se um camponês se recusava a participar da mobilização era posto um chocalho em seu pescoço para que todos os companheiros vissem que ele era diferente, que tal qual o gado, ele era fácil de "se perder".

Essa prática significava no nosso entender um exemplo muito forte de como a consciência de classe se elabora a partir das práticas cotidianas. De que não é preciso vir de fora um "iluminado" para "acordar" os camponeses. A consciência se forja na própria prática social: **FAZ-SE.**

A união dos camponeses como uma força, como poder, ameaça os patrões:

"Naquela época os camponeses estavam unidos, e os patrões faziam tudo para acabar com esta união. Eles temiam né? Eles temiam a união." (12)

A união era a força que respondia às violências do latifundiário. Vejamos, o que diz Elizabete em relação a chacina de Mari, um momento de extrema violência neste conflito:

"Eles não tinham armas, a arma deles era a foice, era a enxada. No momento que "os caras" chegaram armados eles conseguiram tomar até as armas dos policiais. Eles estavam unidos e enfrentaram. Na união eles enfrentaram a polícia, os capangas. Era um povo muito autêntico e unido. A união é a força invencível, não sabe disso?

Eles foram preparados para matar os camponeses, mas não só os camponeses morreram não, morreu de uma parte e de outra." (13)

Muitas e variadas foram as violências prati cadas pelos latifundiários em relação aos camponeses: a destruição do casebre, soltar o gado em cima do roçado, a intimação à cadeia, a prisão ilegal, o espancamento, a surra, o assassinato. A todas elas o camponês enfrentou com a única força que possuía: a união. Juntos eles iam enfrentar o patrão e reconstruíram as casas, replantaram (em



noite de lua) o roçado dos companheiros, faziam atos públi-  
cos na praça em frente a delegacia quando ocorriam as pri-  
sões.

Em sua lógica o segredo é ir o mais devagar possível, de forma pacífica, sem violências. É claro que na efervescência destas lutas se travaram conflitos dire-  
tos, violentos. É como eles mesmos colocam "não tinha ou-  
tro jeito. Tinha que fazer qualquer coisa, que não tinha saída: ou enfrentava, ou morria."

"Suas estratégias de luta expressam uma lógi-  
ca própria, que tem formas e durabilidade próprias. Pode durar apenas umas horas ou ou se estender por longos anos. Este cará-  
ter dá margem para que muitos achem que es-  
ta espontaneidade, lhe tira o alcance e a importância política." (14)

Mas, eis como se apresenta esta lógica no discurso camponês:

"A força que é dos pequeno  
Só pode crescer devagar  
aqui mermo na ribeira  
tem cem home para formar  
Se ajuntano nós fazia  
Uma força no lugar  
Se juntar o Estado todo  
Alguma coisa vai dar.

Prá fazer a união  
De todo este pessoã  
Somente num dia sô  
Num pode se ajuntar.  
  
Não pode ser como enxame  
Para assustar o patrão  
Depois da terra expulso  
Com medo e na opressão."

Nossa suposição, no entanto, é de que essa idéia tão difundida entre os camponeses (a calma seja a melhor estratégia de luta) pode apresentar duas interpretações: 1) A calma foi realmente uma estratégia que demonstra a consciência do poder dos latifundiários que, como já falamos, tinha ao seu lado a polícia, o estado e a justiça; 2) Essa quase apologia à calma pode ser uma releitura das formas de luta das ligas, feita sob a luz da experiência vencida.

O importante é perceber como na luta entre camponeses e latifundiários, que recebe mais tarde o nome das Ligas, as estratégias de luta foram sendo forjadas de acordo com a vivência histórica, de acordo com todos os seus componentes — ideológicos, culturais, econômicos e sociais — a partir da experiência dos grupos envolvidos.

Não queremos, em nenhum momento, neste trabalho, negar o papel que os grupos "de fora" como os partidos, tem num movimento social. Não queremos, em nenhum momento, negar a importância da "mediação" política.

Na verdade, como já colocamos antes, o objeto de nossa pesquisa está voltado para o período que antecede a oficialização do movimento, ou seja, o nosso objeto relaciona-se com a gestação na prática cotidiana dos camponeses desse movimento social.

Vejamos a entrevista de Elizabete:

"Quando o patrão botava o homem para fora da terra eles iam tudo unido e ali havia um protesto. - Ele não saia da terra. E de que quando o proprietário botava mesmo na marra, não aceitava de jeito nenhum que o homem ficasse, então ele tinha que pagar o direito. Se não pagasse, o homem tinha que ficar ali. Todos juntos eles ficavam ali.

(...) Eu entrei muitas vezes no campo, cara a cara com o patrão às vezes até saia aquela saliva pelo canto da boca dele, indignado, com ódio de nós camponeses por que agente falava: ou você paga o direito do homem ou ele continua morando. A gente via os ódio na cara do latifúndio.

E assim agente enfrentava o patrão. Enfrentava a morte. Porque várias vezes a agente recebeu ameaça de morte, ou então eles mandavam oferecer dinheiro, casa comércio, carro, até o melhor sítio do Estado da Paraíba. Mas não era só a família de João Pedro

que tava necessitando de terra, escola e saúde. Era milhares e milhares de homens do campo. João Pedro era um homem analfabeto, do campo, mas não aguentava ver o sofrimento do homem do campo. Nos domingos, ele saia a conversar com aqueles homens, tomando conhecimento. Sozinho. Todo domingo ele saia, só chegava em casa de noite, suado, cansado. E dizia: 'o homem do campo tem que arranjar um jeito de se unir para também ter um pouco de direito'.

Assim ele passou o ano de 54, 55 e 56, sempre escutando. Até que um dia os homens resolveram se reunir lá em casa para juntos pensar debater, contar o que tava acontecendo qual era o desentendimento que tava havendo, e tomar uma decisão.

E assim eles iam resistindo só em 58 eles resolveram fundar as Ligas na cidade."<sup>(15)</sup>

Sentimos que para Elizabete Teixeira, assim como para a maioria dos camponeses a imagem de João Pedro está intimamente ligada ao próprio surgimento das ligas.

João Pedro era um líder forjado na luta. Em sua vida de foreiro e de filho de foreiro incorporou os anseios do grupo a que ele pertencia, por isso os camponeses se sentiam representados na sua forma de agir:

"João Pedro era um obstinado no sentido de lutar pelos seus companheiros, pelos seus direitos. Era um homem pacífico, até o ponto que conheci, eu posso conceituá-lo como um homem pacífico que procurava resolver as coisas através do diálogo. Mas não abria mão daquilo que acreditava e almejava. Era um homem muito forte, não recuava diante das pressões das ameaças nem aceitava acordos." (16)

"João Pedro, nosso líder, era um homem que sabia fazer as coisas. Ele ia devagarinho, devagarinho, de repente quando menos se esperava ele tinha chegado onde queria. E é assim que tinha que ser." (17)

Segundo Fábio Ramos "pode-se afirmar muitas dúvidas que as relações de dominação que existem no meio rural brasileiro, os valores culturais que permeiam as lutas entre trabalhadores e proprietários de terra sempre deixam em aberto a possibilidade de surgir um indivíduo, (homem ou mulher) que consiga ser o "espelho" de outros. Um indivíduo que consegue juntar o medo para enfrentar com mais força o poder que os oprime. Um indivíduo que por conhecer o chão onde pisa, consegue definir com o grupo as possibilidades de avanço, os limites e os rumos que são necessários." (18)

Quando este líder se projeta, ele sempre se torna o alvo principal do poder do latifundiário. As amea-

ças de morte e os assassinatos mostram uma prática comum dos dominantes de "separar a cabeça do corpo" e enfraquecer o movimento.

Todos eles tinham conhecimento desta ameaça constante inclusive João Pedro que, segundo Elizabete, dizia sempre:

"Eu sei que vão tirar minha vida. Eu tenho conhecimento do ódio na cara do latifúndio, porque acontece às vezes de eu ir passando e ouvir o resmungo, mas eu não me acorvado..."

João Pedro foi assassinado em 62, mas ao invés dos camponeses se amedrontarem, como esperavam os patrões, eles continuaram na luta de forma mais acirrada. "A morte do líder incitou a 'coragem coletiva' do grupo, e da própria Elizabete vendo o marido assassinado, resolve assumir seu lugar na luta:

"Eu olhei bem prá ele e pensei assim: 'É no momento em que te vejo assim João Pedro, que decido que a partir de hoje eu vou batalhar pelo homem do campo, pela terra para quem nela trabalha, para o homem sem terra, para o de pouca terra! Essa foi a minha atitude.'" (19)

Os trabalhadores também reagiram ao assassi  
nato. Parece-nos que o medo provocado pela violência da  
morte, levou-os a compreender a ameaça de morte que paira-  
va sobre todos.

"Com a morte de João Pedro as Ligas tomaram  
um impulso, cresceram. No momento que ele  
morreu, 62, tinha 7.400 homens associados  
na Liga, depois com um ano, a Liga contava  
com 16 mil. Aí deu a prova que com o assas  
sinato do seu líder o homem do campo se re  
voltou e procuraram as Ligas aqueles que  
não eram associados, procuram as Ligas. (20)

Isso nos mostra mais uma vez que o medo pro  
voca ações inesperadas e que ele não existe sem a esperan  
ça.

A partir do momento em que o movimento extra  
pola, pela regularidade e violência dos confrontos, o ní  
vel das relações internas entre latifundiários e campone  
ses, começam a chegar as "ajudas" de fora para ambos os la  
dos. A partir da influência dos membros do PCB, que anali  
sam estes conflitos como sendo a prova concreta de que es  
tá na hora de promover, no campo, uma revolução que rompa  
as relações feudais de produção, abrindo assim as alamedas  
sob as quais <sup>passam</sup> a modernização, "alavanca" para o desen  
volvimento do capitalismo, que será inevitavelmente supera  
do como já estava previsto a muito tempo nas próprias  
"leis" da história. Mas essa é uma história contada e de

cantada pela produção historiográfica e não nos interessa, diretamente aqui. A não ser na medida em que supomos que neste momento há uma redefinição da luta. Uma redefinição que não se dá pacificamente, muito pelo contrário, simboliza uma luta dentro do próprio movimento: a união entendida pelos camponeses como força, como estratégia, representada pela própria maneira que ela se forjou, uma forma de poder coletiva, horizontal que se choca com a proposta de organização hierarquizada e vertical dos partidos.

Nesta experiência de confronto, dentro do próprio movimento, aos projetos dos camponeses somam-se uma infinidade de outros. E as ligas da união sofrem sua primeira derrota: entra para a história as Ligas da organização. Mas, isso é objeto para um outro trabalho.

Nossa esperança é a de que tenhamos resgatado ao menos alguns aspectos dessa experiência que lateja sob o medo:

"... Ninguém tem assim uma análise de quantos companheiros morreram, desapareceram. Eles procuraram mesmo enterrar a Liga, acabar com o movimento. Reprimiram de uma maneira que até hoje tá difícil a situação no campo. A repressão deixou uma marca que ainda hoje está muito viva, muito viva no coração do povo."



"A única coisa que a Liga queria era defen  
der o camponês, lutar contra o cambão que  
era uma injustiça o homem trabalhar dois  
dias de graça. Todo mundo morrendo de fo  
me, doente para enriquecer o patrão. As Li  
gas lutavam para que o homem do campo que  
tem as mãos calejadas tivessem terra. Terra  
para plantar para seus filhos e para a cida  
de. Porque tudo que se come na cidade vem  
do campo: é uma injustiça." (21)

## NOTAS

01. CHAUI, Marilena - "Sobre o Medo" in Os Sentidos da Paixão, pág. 70.
02. ALBUQUERQUE, Durval Muniz Jr. - "Falas de Astúcia e de Angústias: A Seca no Imaginário Nordestino - de Problemas à Solução (1877 - 1922)" pág.
03. FOUCAULT, Michel - Microfísica do Poder, pág. 183.
04. MARX, K e ENGELS, F. - A Ideologia Alemã pág. 36.
05. THOMPSON, E. P. - A Miséria da Teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser) pág. 16.
06. Idem, Idem, pág. 15.
07. Idem, Idem, pág. 17.
08. MARQUES, Maria Sedy - Pequenos Produtores Rurais: Ideologias orgânicas. pág. 85.
09. Trecho da entrevista com Elizabete Teixeira, abril de 1988.
10. Ver sobre o conceito de "identidade": Roberto Cardoso de Oliveira. Ideologia + Inventário de Consciência de classe, pág. 28.
11. THOMPSON, E.P. - A Formação da Classe Operária Inglesa Vol. I (A Árvore da Liberdade) pág. 9.
12. Trecho da entrevista com Elizabete Teixeira, abril de 1988.

13. Idem, Idem.
14. MARTINS, José de Souza - A Militarização da Questão Agrária no Brasil, pág. 37.
15. Trecho de entrevista com Elizabete Teixeira, abril de 1978.
16. Trecho de entrevista com Francisco Marú Filho, Delegado de Sapé na época das brigas, maio de 1988.
17. Trecho de entrevista com o camponês José Guabiraba , maio de 1988.
18. RAMOS, Fábio Gutemberg - "Gritos Contra o Silêncio"  
Rural e Lutas cotidianas dos trabalhadores no Brejo Paraibano (1960-1987). pág. 90.
19. Trecho de entrevista com Elizabete Teixeira, abril de 1988.
20. Idem, Idem.
21. Idem, Idem.

tia no mundo. Paradoxalmente, o que devia ser esquecido, sob o silêncio, torna-se, exatamente pela imposição do silêncio uma experiência latente:

"Aqui depois da revolução teve muita perseguição. Mas eu acho que o trabalhador deve muito as Ligas. Então é isso, a Liga ajudou muito, mas também atrapalhou. O medo ficou. Ela deixou uma semente muito boa, mas também deixou uma semente muito má. Mas realmente é isso né? Ninguém faz tudo. Porque ela não foi vitoriosa e ficou a semente do medo. O trabalhador rural tem medo de passar por aquelas fases que já passou. Gente que foi, gente que foi morta, gente que foi preso, gente que ficou atacado da cabeça." (2)

Na memória social destes homens, de seus filhos e netos ficou patente a força dos ricos latifundiários, numa lição sutil que nos aponta a luz no fim do tunel.

Elizabeth Teixeira nos coloca isso com muita clareza:

"É porque os camponeses ficaram numa situação difícil, e até hoje, tem gente que tem medo até do nome, de pronunciar as palavras Reforma Agrária.

A base que eu tenho para apoiar

Esta esperança nascida

Vem de tanto matutar

A experiência crescida."

Numa sociedade de classe, é preciso que se entenda que nenhuma experiência pode ser desprezada por não ser vitoriosa. Essas experiências são fundamentais como aprendizado político e é neste sentido que elas contêm o germen da transformação, o vir a ser é construído socialmente em suas várias dimensões do presente, enriquecidas pelas experiências crescidas:

"Só depois que as paixões (medo e esperança) tiverem decidido (na luta) o porvir, saberemos se, tristemente, 'morreremos de medo e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas' ou se veredas se abriram para as alamedas da razão, da liberdade, da felicidade, pois, 'se o caminho que mostrei a elas conduzir parece muito árduo, pode , todavia, encontrar-se. E com certeza é muito árduo o que raramente se encontra. Como não seria assim, pois se estivesse ao alcance da mão, sem qualquer trabalho, por que teria sido negligenciado por tantos? Mas tudo quanto é belo é tão difícil quanto raro." (4)

(grifos nossos).

**B I B L I O G R A F I A****- FOLHETOS DE CORDEL**

01. ANDORINHA - O voto do camponês, sem local, sem data.
02. BATISTA, José Edjan - Direitos e Deveres do Trabalha  
dor Rural, sem local, sem data.
03. CAVALCANTE, Rodolfo Coelho - A Crueldade dos Donos de  
Terras para com os Pobres lavradores, Salvador - BA.  
1980.
04. \_\_\_\_\_ - A Reforma Agrária no Bra  
sil, Salvador - BA, 1986.
05. COSTA, Zacarias Gerônimo da - O Sindicato dos Campone  
ses. Poder da Reforma Agrária, Esperança - PB, sem  
data.
06. LAURENTINO, Moacir - O Comunismo ao Conhecimento do Po  
vo. O Sétimo Anticristo Vem Perto, sem local, 1962.
07. MARQUES, Maria Sedy et alii - Terra Fora, Caaporã-PB ,  
1986.
08. \_\_\_\_\_ e ALBINO, Cícero - O rico e o po  
bre no balaio do rei, Caaporã-PB, 1986.
09. \_\_\_\_\_ e CAICO, Antônio - Quando o toco  
vira bandido, Caaporã-PB, 1986.

10. MARQUES, Maria Sedý e CHANIN, Luiz - A enxada que vi  
rou andor, Caaporã-PB, 1986.
11. \_\_\_\_\_ e FRANCISCA, Maria José - O sonho  
que escapou da pulga e da coivara, Caaporã-PB, 1986.
12. \_\_\_\_\_ e GOMES, José - Os calos na vida  
de Zé, Caaporã-PB, 1986.
13. \_\_\_\_\_ e SILVA, Anísio Inácio - O galope  
do Alazão que fugiu da sujeição, Caaporã-PB, 1986.
14. NOVA, José Faustino Vila - O comunismo na porta, sem  
local, sem data.
15. SANTOS, Manuel Camilo dos - A Reforma Agrária pela mi  
nha opinião, Campina Grande-PB, sem data.
16. SENA, Joaquim Batista - História da Reforma Agrária e  
do Comunismo no Brasil, Fortaleza-CE, sem data.
17. TESTA DE FERRO - A Liga Camponesa e a resposta de Ju  
lião sem local, sem data.
18. TRAÍRA, Chico - A fachada dos gigantes ou as dores do  
Brasil, Natal-RN, sem data.
19. ZÉ DA ROÇA - Carta aos camponeses do Brasil, sem local,  
sem data.

**- LIVROS**

01. ANDRADE, Manuel Correia de - A Terra e o Homem no Nordeste, 5a. edição, São Paulo-SP, ATLAS, 1986.
02. AVED, Bernadete - A Vitória dos Vencidos (Partido Comunista Brasileiro e as Ligas Camponesas 1955-1964) , Florianópolis-SC, Editora da UFSC, 1986.
03. AZEVEDO, Célia Maria Marinho de - Onda Negra, Medo Branco (O negro no Imaginário das Elites no século XIX), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
04. AZEVEDO, Fernando Antonio - As Ligas Camponesas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
05. BENEVIDES, César - Camponeses em Marcha, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
06. CARDOSO, Sérgio et alii - Os Sentidos da Paixão, São Paulo-SP, Companhia das Letras, 1987.
07. CASTORIADIS, Cornélius - A Instituição Imaginária da Sociedade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
08. CHAUI, Marilena - O que é Ideologia, São Paulo-SP , Abril cultural/Brasiliense. Coleção Primeiros Pasos nº 7, 1984.
09. EISENBERG, Peter - Modernização em Mudança (a Indústria Açucareira em Pernambuco 1840-1910), Rio de Janeiro, Paz e Terra/Campinas, UNICAMP, 1977.



"Diferentemente de outras paixões o medo e a esperança são afetos irreduzíveis do ponto de vista metafísico. Marcas de nossa fi nitude o medo e a esperança não podem ser suprimidos sem que, com sua supressão desapareça a pró pria essência humana." (1)

10. FERNANDES, Florestan - Marx, Engels História. Coleção Grandes Cientistas Sociais nº 36 2a. edição, São Paulo, Ática, 1984.
11. FOUCAULT, Michel - Microfísica do Poder, organização de Roberto Machado, 4a. edição, Rio de Janeiro - RJ Graal, 1984.
12. \_\_\_\_\_ - Nietzsche, Freud, Marx (Theatrum Philosophicum) 4a. edição, São Paulo, Ed. Princípios 1987.
13. GRAMSCI, Antonio - Os intelectuais e a organização da cultura, 4a. edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
14. HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de - A Morada da Vida (Trabalho Familiar de Pequenos Produtores do Nordeste do Brasil), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
15. IANNI, Octávio - A Luta pela Terra, 3a. edição, Petrópolis-RJ, Vozes, 1981.
16. LÊNIN, V. I. - O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia, São Paulo-SP, Abril cultural, 1982. (Coleção os Economistas.)
17. KAUTSKY, Karl - A Questão Agrária, 3a. edição, São Paulo-SP, Proposta Editorial, 1980.
18. MARTINS, José de Souza - A Militarização da Questão

19. MARTINS, José de Souza - O Cativo da Terra, 3a. edição, São Paulo, Hucitec, 1986.
20. MARX, K e ENGELS, F. - A Ideologia Alemã, 4a. edição, São Paulo-SP, Hucitec, 1984.
21. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de - Identidade, Etnia e Estrutura Social, São Paulo-SP, Livraria Pioneira Editora, 1976.
22. RUGAI, Elide - As Ligas Camponesas, Petrópolis, Vozes, 1984.
23. SALES, teresa - Agreste, Agrestes (Transformações recentes na Agricultura Nordestina) Rio de Janeiro, Paz e Terra, São Paulo, Editora Brasileira de Ciências, 1982.
24. SOARES, Luis Eduardo - Camponato: Ideologia e Política.
25. THOMPSON, E.P. - A Formação da Classe Operária Inglesa Vol. I (A Árvore da Liberdade), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
26. \_\_\_\_\_ - A Miséria da Teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser), Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

**- TESES e MONOGRAFIAS**

01. ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de - Falas de Astúcia e de Angústia: A Seca no Imaginário Nordestino - De Problema a Solução (1877-1922) Dissertação de Mestrado em História, Campinas-SP, UNICAMP, 1988.
02. MARQUES, Maria Sedy - Pequenos Produtores Rurais: Ideologias Orgânicas. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, Campina Grande-PB, UFPB, 1988.
03. RAMOS, Fábio Gutemberg - Os Surtos do Silêncio: O Sindicalismo Rural e as Lutas Cotidianas dos Trabalhadores no Brejo Paraibano (1960-1987). Monografia de Conclusão do Curso de História, Campina Grande - PB, UFPb, 1987.
04. SIGAUD, Lígia - A Nação dos H mens/Uma análise regional de Ideologia/, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Rio de Janeiro, UFRJ, 1971.